

A MAGIA DA LUDICIDADE E AS EXPERIÊNCIAS DO BRINCAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maria Ester Ferreira da Silva

Conceição Gislane Nóbrega Lima De Salles

Resumo: A presente pesquisa aborda a relevância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando que as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças, e que a educação deve ir além de metodologias tradicionais, especialmente para crianças atípicas que necessitam de abordagens mais inclusivas. O caminhar teórico inclui autores como Cunha (2007), Creswell (2010), Gil (2008), Kishimoto (2011), Pereira (2005), Tezani (2006), BNCC (Brasil, 2017), Vygotsky (1998), dentre outros autores. Assim, neste estudo, a ludicidade é vista como um meio significativo de descobertas e aprendizagens, logo, será explorado como a ludicidade pode promover a interação social, a comunicação e o desenvolvimento cognitivo, sendo uma ferramenta eficaz para facilitar o aprendizado de crianças autistas, onde brincadeiras e atividades lúdicas são apresentadas como formas de desenvolver habilidades sociais e emocionais, além de ajudar na compreensão de normas sociais. A metodologia do estudo é qualitativa, com entrevistas de professores da educação infantil e coordenadoras de uma escola municipal de Caruaru - PE, buscando entender suas perspectivas sobre a ludicidade na educação de crianças autistas. Esta pesquisa evidencia a relevância de inserir atividades lúdicas no planejamento pedagógico de maneira consciente, organizada e adaptada às características individuais das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Palavras-chave: Ludicidade; Autismo; Inclusão; Educação Infantil.

THE MAGIC OF PLAY AND THE EXPERIENCES OF PLAY IN THE INCLUSION PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Abstract: This research addresses the relevance of playfulness in the teaching-learning process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), emphasizing that play is fundamental for their social, cognitive, and emotional development, and that education must go beyond traditional methodologies, especially for atypical children who require more inclusive approaches. The theoretical framework includes authors such as Cunha (2007), Creswell (2010), Gil (2008), Kishimoto (2011), Pereira (2005), Tezani (2006), BNCC (Brazil, 2017), Vygotsky (1998), among others. Thus, this study views playfulness as a significant means of discovery and learning. Therefore, it will explore how playfulness can promote social interaction, communication, and cognitive development, serving as an effective tool for facilitating the learning of autistic children. Games and playful activities are presented as ways to develop social and emotional skills, as well as aid in the understanding of social norms. The study's methodology is qualitative, involving interviews with early childhood education teachers and coordinators at a municipal school in Caruaru, Pernambuco, Brazil, seeking to understand their perspectives on playfulness in the education of autistic children. This research highlights the importance of incorporating playful activities into pedagogical

planning in a conscious, organized manner, adapted to the individual characteristics of children with Autism Spectrum Disorder (ASD).

Keywords: Playfulness; Autism; Inclusion; Early Childhood Education.

1. INTRODUÇÃO

As crianças são seres sociais que nascem com capacidades afetivas, cognitivas e emocionais, as quais durante as vivências passam por descobertas, constroem novos conhecimentos e experiências que implicam no desenvolvimento das suas características pessoais. Sendo assim, é importante que as crianças desde cedo, tenham suas habilidades estimuladas para a convivência social, como a criatividade, a comunicação, a interação e a curiosidade. Logo, é necessário abordar a importância da brincadeira durante esse processo, que contribui na capacidade de conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se, pois as brincadeiras são eixos estruturantes da educação infantil, e nesse viés a ludicidade é fundamental, visto que é com a linguagem da infância que as crianças aprendem de forma significativa, quando os mesmos brincam e jogam há um entusiasmo em participar, e é por esse meio que podem recriar situações, e imaginar fantasias de coisas reais e assim aprender e conquistar conhecimentos através dessas brincadeiras que exploram e refletem a própria cultura, uma vez que a brincadeira também contribui na construção da identidade da criança, afinal, brincar é importante para o desenvolvimento cognitivo, para o desenvolvimento da linguagem e para socialização. Desse modo, a intelectual Pereira (2005) destaca que as atividades lúdicas desenvolvem vários aspectos durante o processo de ensino-aprendizagem das crianças, como a atenção, a memorização e imaginação que são de fundamental importância para o ensino de qualidade, assim é necessário evidenciar que

As atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; estímulos à autonomia, à criatividade, à expressão pessoal. Dessa forma, possibilitam a aquisição e o desenvolvimento de aspectos importantes para a construção da aprendizagem. Possibilitam, ainda, que educadores e educando se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação (PEREIRA, 2005, p. 20)

Portanto, a principal motivação para o estudo deste trabalho decorre da necessidade de perceber e conhecer fatores que identificam a influência da ludicidade no favorecimento da melhoria da qualidade de ensino e para a contribuição da aprendizagem dos alunos com o espectro. Outrossim, ao escolher esse tema foi buscado evidenciar que o ensino e a aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA) devem ser desconstruída do engessamento de metodologias e didáticas tradicionais, que comumente são

utilizadas, e mesmo assim resulta em um ensino ineficaz, pois é necessário que seja desenvolvida a inclusão dentro do planejamento curricular, além disso, é importante a ludicidade estar inclusa, a fim de que a aprendizagem das crianças sejam significativos, e mesmo com as dificuldades por suas particularidades, consigam de fato avançar. Pois, é comum que as crianças e suas infâncias sejam colocadas em segundo plano, onde a preocupação central é cumprir o planejamento destinado para a turma, assim, sendo necessário desconstruir essa política de desenvolver o ensino, e incluir práticas pedagógicas inclusivas e positivas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o Censo Demográfico 2022 identificou 2,4 milhões de pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA), o que corresponde a 1,2% da população brasileira. A prevalência foi maior entre os homens (1,5%) do que entre as mulheres (0,9%): 1,4 milhões de homens e 1,0 milhão de mulheres foram diagnosticados com autismo por algum profissional de saúde. Entre os grupos etários, o de maior prevalência foi o de 5 a 9 anos (2,6%). Assim, a ampliação dos diagnósticos de crianças com o espectro autista tem aumentado pelo o fato do maior conhecimento da população aos serviços de diagnósticos, assim como mais profissionais da educação conscientes e informados para levantar as primeiras suspeitas do transtorno e fazer os encaminhamentos necessários junto às famílias, além da ampliação da compreensão do que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, a motivação para desenvolver sobre esse tema é oriunda da disposição de desmistificar os métodos de ensino tradicionais, e evidenciar uma metodologia desconstruída que inclua a ludicidade nas práticas de estímulos aos pensamentos críticos, ao encorajar o aprendizado constante e também na contribuição para o desenvolvimento pessoal das crianças. Pois, ao vivenciar o estágio em educação infantil¹ e o estágio no ensino fundamental², pude perceber a prática árdua de ensino destacada anteriormente, o que também me levou a reflexão acerca desse método e me impulsionou a pesquisar previamente acerca dessa temática, e assim pretendo aprofundar durante a construção desse trabalho.

Nesse sentido, minha motivação para desenvolver sobre esse tema é oriunda da disposição de desmistificar os métodos de ensino tradicionais, e evidenciar uma metodologia inovadora a qual estimula o pensamento crítico, encoraja o aprendizado constante e também contribui para o desenvolvimento pessoal das crianças. Pois, ao vivenciar o estágio em

educação infantil¹ e o estágio no ensino fundamental², pude perceber a prática exaustiva de ensino destacada anteriormente, o que também me levou a reflexão acerca desse método e me impulsionou a pesquisar previamente acerca dessa temática, e assim pretendo aprofundar durante a construção desse trabalho.

Uma vez que de acordo com as pesquisas realizadas na ANPEd (2008, 2004), Periódicos Capes (2003, 2017, 2021) e Attena UFPE (2022) sobre a ludicidade na educação infantil, é perceptível a presença da discussão a respeito da sua importância nesse espaço, onde é destacado que atividades lúdicas intencionais e planejadas podem transformar a dinâmica da sala de aula, tornando o ensino mais significativo e inclusivo, ao favorecer a interação social, a compreensão de regras e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

Além de reforçar que a integração da ludicidade nas práticas curriculares estimula a socialização e permite que os educadores adaptem estratégias pedagógicas às necessidades individuais, promovendo inclusão efetiva. De forma semelhante, os estudos da Attena UFPE (2022) mostram que atividades lúdicas contribuem para a comunicação, engajamento e aprendizagem de crianças com TEA, fortalecendo práticas educativas inclusivas e respeitando as particularidades de cada criança.

Nesse sentido, neste trabalho a ênfase será em discutir e pesquisar a respeito da presença da ludicidade na aprendizagem das crianças com TEA, a fim de contribuir nesse campo de estudo e nas discussões a respeito do tema, destacando a importância da ampliação do empírico para a concretização das questões e práticas aqui discorridas.

Logo, esse trabalho foi fundamentado na necessidade de compreender a importância da ludicidade no ensino, com enfoque no brincar relacionado ao processo de ensino-aprendizagem, de estimulação para socialização, do desenvolvimento de habilidades e construção da identidade das crianças, e também na necessidade de discutir a relevância da ludicidade para aprendizagem de crianças com TEA, visto que no ensino-aprendizagem das crianças, as práticas devem ser planejadas de acordo com a necessidade e respeitando a criança e suas especificidades. Assim, para Vygotsky (1998):

¹EMENTA: Reconhecer as exigências da relação entre a docência, o planejamento pedagógico e as problemáticas educativas na Educação Infantil. Disciplina ministrada por Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles durante o 5º período no ano de 2022.

²EMENTA: Reconhecer as exigências da relação entre a docência, o planejamento pedagógico e as problemáticas educativas no Ensino Fundamental. Analisar as necessidades presentes no contexto das práticas educativas. Problematicar as dificuldades encontradas. Construir uma proposta de ação fomentada numa ação conjunta com os atores sociais presentes na escola. Disciplina ministrada por Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles durante o 5º período no ano de 2022.

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem (VIGOTSKY, 1998, p. 81).

Dessa forma, considerando a importância do brincar em atividades lúdicas na educação infantil de crianças autistas, essas ações podem contribuir na inclusão das crianças durante essa etapa, tendo em vista que quando a criança que tem dificuldade de socializar e se comunicar começa a brincar com outra criança, nesse momento de coletividade e trocas é criada a socialização, e de forma natural a interação entre as crianças. Portanto, compreendemos que para o desenvolvimento das crianças, se faz necessário o acolhimento e inserção da criança com o TEA de forma integral nas instituições de ensino, considerando que toda criança tem o direito de usufruir de sua infância com plenitude, independente de suas especificidades, para que assim ocorra a inclusão com efetividade. Sendo assim, para esse trabalho, partimos da questão-problema: Como o uso da ludicidade na educação infantil contribui no processo de ensino e aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

Desse modo, foi trazido como objetivo geral: Compreender a importância da ludicidade no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem das crianças da educação infantil com o espectro autista. De modo específico, buscamos: Investigar como está acontecendo a inclusão escolar de crianças autistas durante a educação infantil; Analisar como ocorre as práticas lúdicas implantadas no planejamento curricular na perspectiva dos docentes.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 A inclusão escolar de crianças autistas na educação infantil

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que pode afetar a comunicação, a interação social e o comportamento, assim, a inclusão escolar visa garantir que todas as crianças, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade. No Brasil, a inclusão de crianças com deficiência, incluindo aquelas com autismo, é garantida por leis como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Nesse contexto, essas normativas estabelecem que a educação deve ser acessível a todos, promovendo a equidade e a diversidade, assim como, é promulgado pela a Declaração de Salamanca (1994), que estabelece que a educação deve ser inclusiva, reconhecendo e respeitando a diversidade das crianças. Contudo, é necessário destacar alguns desafios da

inclusão, como menciona Cunha (2022, p. 100) “Não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambientes inclusivos. Inclusivo não somente em razão de recursos pedagógicos mais também pelas qualidades humanas”. Nesse contexto, os desafios da inclusão engloba a formação de professores, que ainda não recebem a formação adequada para lidar com as especificidades do autismo, pois a falta de capacitação pode levar a práticas pedagógicas inadequadas e à exclusão de crianças autistas. Os desafios se estendem a escassez de recursos, como materiais pedagógicos adaptados e profissionais de apoio, além da carência de terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, sendo um entrave significativo para a inclusão. Outrossim, é necessário acrescentar que a falta de compreensão sobre o autismo, tanto por parte dos educadores quanto dos colegas, pode gerar estigmas e preconceitos, dificultando a socialização e a aceitação das crianças autistas. Desse modo, a autora Mantoan (2003) disserta que é necessário uma transformação das práticas de inclusão existentes, pois as mesmas são insuficientes para a inclusão eficaz:

A inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um design diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional (Mantoan, 2003, p.43).

Nesse sentido, percebe-se que Mantoan (2003) propõe que as práticas pedagógicas devem ser adaptadas para atender às necessidades específicas de cada criança. Isso implica na formação de professores e na criação de um ambiente escolar que acolha e respeite as diferenças. Logo, para a efetivação da inclusão, é fundamental adaptar o currículo e as metodologias de ensino para atender às necessidades específicas das crianças autistas, utilizando estratégias diferenciadas que favoreçam a aprendizagem, além de criar um ambiente escolar que minimize estímulos sensoriais excessivos e que promova a segurança e o conforto das crianças autistas. Diante disso, Cunha (2022) expõe:

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educar aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno. E como faz a inclusão? Primeiro, sem rótulos e, depois, com ações de qualidade (Cunha, 2022, p.101).

Nesse viés, o envolvimento das famílias no processo educacional é importante, e as escolas devem estabelecer uma comunicação constante com os pais, buscando entender as necessidades e expectativas em relação à educação de seus filhos, além de juntos promoverem campanhas de conscientização e formação sobre o autismo para todos os membros da comunidade escolar, visando desmistificar a condição e fomentar um ambiente mais acolhedor. Outrossim, a inclusão escolar de crianças autistas na educação infantil é um

processo complexo que requer o comprometimento de toda a comunidade escolar. Bem como as características do autismo podem variar amplamente entre os indivíduos, algumas crianças podem ter habilidades cognitivas elevadas, enquanto outras podem apresentar dificuldades significativas. Isso exige que as escolas adotem abordagens individualizadas, adaptando currículos e metodologias de ensino para atender às necessidades de cada criança. Portanto, promover um ambiente inclusivo, respeitando a individualidade de cada criança, é possível garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade e que se sintam parte da sociedade.

Bem como é importante a presença da ludicidade na educação infantil, pois a mesma se refere ao uso do jogo e das atividades lúdicas como ferramentas de ensino e desenvolvimento, desempenhando um papel significativo na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças autistas. Através do jogo, é possível promover a interação social, a comunicação e o desenvolvimento cognitivo, adaptando as atividades às necessidades específicas de cada criança. A ludicidade é uma ferramenta poderosa para a educação de crianças com autismo, pois possibilita a criação de ambientes de aprendizagem que favorecem a interação social, a comunicação e a expressão emocional. Desse modo, segundo Kishimoto (2011):

O uso do brinquedo/jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la (Kishimoto, 2011, p. 36)

Assim, as atividades lúdicas muitas vezes envolvem estímulos visuais, auditivos e táteis, que podem ajudar a desenvolver a percepção sensorial das crianças autistas. Bem como, jogos que incentivam a verbalização e a interação, como jogos de tabuleiro ou atividades em grupo, que podem melhorar as habilidades de comunicação das crianças, promovendo a troca de ideias e a expressão de sentimentos. Desse modo, através do jogo, as crianças aprendem a compartilhar, esperar a sua vez e cooperar, habilidades essenciais para a interação social, além de ajudar a desenvolver empatia e compreensão das emoções dos outros. Dessa maneira, as interações que acontecem durante as brincadeiras retratam o cotidiano da infância, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Bem como, é destacado na BNCC (BRASIL 2017):

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua

criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2017, p.38).

Nesse contexto, é relevante evidenciar, que as crianças com TEA são portadoras desse direito, e por isso devem ser envolvidas com brincadeiras que além de proporcionar a vivência da infância, também contribua para o desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa.

Ademais, é importante adaptar jogos e atividades de acordo com os interesses e necessidades individuais de cada criança, e isso pode incluir a escolha de temas que elas gostem ou a modificação de regras para facilitar a participação. Logo, o uso de materiais visuais, como cartões, imagens e pictogramas, pode ajudar na compreensão das regras do jogo e na comunicação. No entanto, embora a ludicidade traga muitos benefícios, é importante estar ciente de alguns desafios, pois algumas crianças autistas podem ter dificuldades com a mudança de rotina ou com atividades que exigem interação social, por isso é importante ser paciente e flexível, adaptando as abordagens conforme necessário.

Dessa maneira, é necessário que haja um ambiente acolhedor e inclusivo no qual as crianças devem se sentir seguras para explorar e participar das atividades lúdicas sem medo de julgamento, onde a ludicidade é uma ferramenta poderosa no desenvolvimento e aprendizagem de crianças autistas, promovendo um ambiente de aprendizado divertido e interativo, é possível facilitar a comunicação, melhorar as habilidades sociais e estimular o desenvolvimento cognitivo, sendo importante a colaboração entre pais, educadores e terapeutas, pois compartilhar estratégias e experiências pode enriquecer a abordagem lúdica e garantir que a criança receba o suporte consistente em diferentes contextos, contribuindo para seu desenvolvimento integral e bem-estar.

2.3 A presença da ludicidade no planejamento escolar das crianças autistas

A inclusão de crianças autistas no ambiente escolar representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de transformação para a educação. O planejamento escolar deve considerar as particularidades de cada criança, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Nesse contexto, a ludicidade emerge como uma ferramenta poderosa para facilitar o aprendizado e promover a interação.

A ludicidade refere-se ao uso lúdico, ou seja, de atividades que envolvem jogos, brincadeiras e outras formas de expressão artística que estimulam a criatividade e o prazer. Para crianças autistas, que muitas vezes enfrentam desafios na comunicação e na socialização, o lúdico pode ser uma ponte para a aprendizagem. Logo, ao incorporar atividades lúdicas no

planejamento escolar, educadores podem criar um ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento. Acerca disso, Santos (2008) destaca que:

Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (Santos, 2008, p. 56).

Sendo assim, é reafirmado que através de jogos e brincadeiras, as crianças autistas podem desenvolver habilidades cognitivas de extrema importância, como a atenção, a memória e a resolução de problemas. Logo, as atividades que envolvem quebra-cabeças, jogos de tabuleiro ou mesmo brincadeiras com blocos de montar ajudam a estimular o raciocínio lógico e a criatividade, essas práticas ao serem inseridas no planejamento escolar pode proporcionar um ambiente seguro para a interação social, com atividades colaborativas que incentivam as crianças a se comunicarem e a desenvolverem habilidades sociais, pois entende-se, que para crianças autistas que podem ter dificuldades em entender normas sociais, estas atividades lúdicas oferecem oportunidades para praticar a comunicação em um contexto divertido e menos intimidante.

Portanto, o ambiente escolar pode ser desafiador para crianças autistas, que muitas vezes enfrentam sobrecargas sensoriais e emocionais, e por isso é dever da escola incluir em seu planejamento didáticas, metodologias e práticas de ensino que desconstroem as práticas regulares. Pensando no papel das atividades lúdicas, as quais permitem que as crianças expressem suas emoções de maneira mais saudável, sendo um recurso que envolve a identificação de emoções, e a reconhecer e gerenciar seus sentimentos. Além disso, o lúdico pode ser um recurso para ensinar estratégias de autocontrole e relaxamento por meio das brincadeiras.

Desse modo, para que as práticas escolares e de ensino sejam eficientes e inclusivas, é necessário que haja a participação de toda a comunidade escolar, pois a comunicação com as famílias é vital, sendo os pais fornecedores de informações valiosas sobre as preferências e interesses dos filhos, ajudando os educadores a planejar atividades que realmente engajem as crianças. Diante disso, Tezani (2006) afirma que:

O primeiro passo é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação

entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida (TEZANI, 2006, p. 3).

Nessa perspectiva, é preciso de estratégias para que a ludicidade seja efetivamente incorporada ao planejamento escolar, e em estratégias que podem ser adotadas, é a formação continuada, onde os educadores devem receber formação contínua sobre as especificidades do 10 autismo e sobre como utilizar a ludicidade como ferramenta pedagógica, pois como destaca Cunha (2022, p. 33), “O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno”.

Ademais, é reafirmar que é fundamental que o planejamento leve em consideração as características individuais de cada criança, permitindo a adaptação das atividades lúdicas às suas necessidades, criando um espaço escolar que valorize a diversidade e promova a inclusão, com a presença de materiais lúdicos e acessíveis, que pode contribuir para um ambiente mais acolhedor.

Dessa forma, é necessário que seja enfatizado que a presença da ludicidade no planejamento escolar das crianças autistas é de suma importância, pois não apenas facilita o aprendizado, mas também contribui para o desenvolvimento emocional e social das crianças, ao promover um ambiente lúdico, os educadores podem ajudar a construir competências essenciais que vão além da sala de aula, preparando as crianças autistas para interações mais ricas e significativas na sociedade, logo, a inclusão plena de crianças autistas requer um compromisso contínuo com a adaptabilidade e a criatividade no ensino, e a ludicidade se apresenta como uma aliada indispensável nesse processo.

3. METODOLOGIA

Considerando que esse trabalho teve o objetivo de compreender a importância da ludicidade no processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem das crianças dos anos iniciais com o espectro autista. Logo, é importante destacar que esse processo envolve diversos elementos, visando a melhor forma de investigação, a pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa, considerando que, segundo Creswell (2007, p. 208), essa abordagem tem como principais características ocorrer no ambiente natural, pois há preocupação em entender os contextos, ou seja, "os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado”.

Sendo assim, a pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada na cidade de Caruaru, no Agreste Pernambucano, que atende as etapas da educação infantil e ensino

fundamental, além de oferecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, de acordo com o Censo Escolar de 2023, a escola possui uma média de 662 alunos matriculados, sendo 184 na educação infantil, distribuídos em cinco salas para os alunos do Pré I e II. A escola funciona em três turnos, mas a educação infantil está presente apenas nos turnos da manhã e tarde.

Logo, os participantes da pesquisa foram docentes e a equipe pedagógica da escola, com ênfase nos profissionais que atuam na educação infantil. A seleção dos entrevistados foi feita intencionalmente, buscando incluir professores e coordenadores que tenham experiência e conhecimento sobre a inclusão de crianças autistas e a aplicação de atividades lúdicas em sala de aula. Assim, a fim de obter respostas dos nossos objetivos, a coleta de dados seguiu com a entrevista semiestruturada, onde é destacado por Gil (2008):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 2008, p.109).

Desse modo, as entrevistas foram conduzidas com quatro participantes: duas docentes (A e B) e duas coordenadoras (C e D), de modo que, as questões abordadas nas entrevistas estão relacionadas à inclusão escolar de crianças autistas, à presença da ludicidade no planejamento curricular e às percepções dos educadores sobre a importância das atividades lúdicas na aprendizagem.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Essa técnica permite identificar e categorizar os conteúdos das entrevistas, possibilitando uma compreensão mais profunda das percepções dos participantes sobre a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem das crianças com TEA. A análise deu-se em três etapas: Pré-análise: Nesta fase inicial, os dados foram organizados e lidos, buscando-se uma compreensão global do conteúdo. Ocorreu registros das primeiras impressões e reflexões sobre o material coletado; Análise do Material: Neste estágio, as falas dos participantes foram codificadas e categorizadas, permitindo a identificação de temas e subtemas relevantes; Tratamento dos Resultados: Por fim, os resultados foram interpretados à luz da literatura revisada, buscando relacionar as percepções dos educadores com as teorias sobre ludicidade e inclusão escolar. Essa interpretação permitiu uma discussão crítica sobre a efetividade das práticas pedagógicas inclusivas e o papel da ludicidade no desenvolvimento das crianças com TEA.

Sobretudo, a pesquisa respeitou a confidencialidade dos participantes e a utilização de informações de forma responsável, que foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa e sua participação voluntária. Dessa forma, a metodologia proposta teve como intenção proporcionar um entendimento abrangente e fundamentado sobre a importância da ludicidade na educação de crianças com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

A pesquisa foi realizada com profissionais da educação de uma escola localizada em Caruaru, no Agreste Pernambucano, com foco na educação infantil, tema central da pesquisa. Nesse sentido, a análise de dados coletados foi organizado em duas categorias de análise: “Percepção docente sobre a inclusão de crianças com TEA” e “O uso da ludicidade como meio metodológico para o desenvolvimento significativo das crianças autistas”

Percepção docente sobre a inclusão de crianças com TEA

Embora a maioria das docentes reconheça a importância da inclusão e demonstre disposição para adaptar suas práticas pedagógicas, ainda existem barreiras significativas, como a falta de recursos adequados. Além disso, as educadoras expressam preocupações sobre a falta de apoio profissional e a necessidade de uma maior conscientização sobre o transtorno do espectro autista entre os colegas. Assim, a análise aponta para uma necessidade urgente de formação continuada e de um suporte institucional mais robusto para que os profissionais da educação se sintam mais preparados e confiantes em atender às demandas que envolvem essas crianças, promovendo, assim, uma inclusão efetiva e de qualidade no ambiente escolar.

Essa perspectiva, é destaca por Mantoan (2003), que argumenta que a inclusão se dará através de reestruturações e inovações das nossas escolas, incluindo o desenvolvimento das metodologias ativas de aprendizagens

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (Mantoan, 2003, p.32).

Nesse sentido, a inclusão escolar deve ser entendida como uma prática que considera as especificidades de cada aluno, promovendo a aprendizagem e a convivência de todos, independentemente de suas diferenças. Como apontam as falas abaixo:

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula é uma experiência muito rica, mas desafiadora, considerando a

estrutura que temos para acolher essas crianças e as demandas pedagógicas que temos que cumprir, além de muitas vezes faltar profissionais de apoio em sala para que eu possa conseguir desenvolver a aula sem ter que me preocupar exclusivamente em dar suporte para as crianças autistas da turma. Um dos principais desafios é a necessidade de entender as características individuais de cada criança, considerando que cada uma tem seu jeito de aprender e se comunicar. Outro desafio é a interação, pode ser difícil para uma criança autista expressar o que sente ou o que precisa, e se relacionar com os colegas. Por isso, temos que trabalhar com atividades que estimulem a socialização entre os alunos. (Docente A)

Cada criança é única e tem suas próprias habilidades, interesses e desafios. Mas um dos principais desafios que enfrento é a comunicação. Muitas crianças com autismo podem ter dificuldades em se expressar ou em entender as interações sociais, isso pode levar a mal-entendidos ou a momentos de frustração. Algumas crianças também têm sensibilidade auditiva e podem se sentir incomodadas em ambientes muito barulhentos ou movimentados, mas é difícil uma sala com várias crianças ter silêncio ou pouco barulho. Outro desafio é a necessidade de adaptar o ensino, porque cada criança aprende de maneira diferente, e as crianças com autismo precisam de abordagens específicas, isso exige planejamento e flexibilidade da minha parte, o que muitas vezes é exaustivo, mais também precisa da colaboração de outros profissionais, como terapeutas e educadores especiais. (Docente B)

Logo, é relevante destacar as colocações de ambas docentes que percebem a inclusão como uma experiência enriquecedora para todas as crianças, quando é promovido a empatia e respeito às diferenças. No entanto, elas também reconhecem os desafios enfrentados, como a dificuldade de comunicação e a necessidade de adaptar as atividades para atender às individualidades de cada criança. Conforme Mantoan (2003), a atuação do professor é importante no processo de inclusão, especialmente ao adotar práticas pedagógicas que considerem o lúdico como estratégia educativa. A docente A menciona a importância de estratégias que engajem todas as crianças, enquanto a docente B destaca a necessidade de adaptação do ensino e ambiente.

Quando as crianças aprendem a conviver com colegas que têm diferentes maneiras de ver o mundo, isso influencia diretamente no seu desenvolvimento. Por exemplo, algumas crianças autistas podem ter

habilidades incríveis em áreas específicas, como matemática ou arte, e isso pode influenciar os colegas a se interessarem mais por esses assuntos. Então, eu vejo que a inclusão das crianças autistas não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também prepara todos os alunos para um mundo de diversidade. (Docente A)

A inclusão de crianças autistas pode ter um impacto muito positivo no ambiente escolar e nas dinâmicas da sala de aula. Quando todos se sentem incluídos, a sala de aula se torna um espaço mais acolhedor, e a presença de crianças autistas pode enriquecer as atividades em grupo, porque muitas vezes, elas têm interesses ou habilidades específicas que podem ser compartilhadas com os colegas. Um exemplo, é quando uma criança que gosta muito de animais pode ensinar aos colegas sobre diferentes espécies, o que pode gerar uma atividade muito interessante e divertida para todos. (Docente B)

As docentes ressaltam que a inclusão de crianças com TEA enriquece o ambiente escolar, promovendo uma cultura de aceitação e colaboração. A docente A menciona a 14 oportunidade de aprender a respeitar as diferenças, enquanto a docente B destaca o impacto positivo na dinâmica da sala de aula, onde as crianças aprendem umas com as outras. Ambas concordam que a diversidade traz benefícios significativos para o desenvolvimento social e emocional das crianças. As docentes relatam o que Cunha (2022, p. 117) expõe em sua obra, “O aluno não pode mais ser excluído da construção da sua aprendizagem, pois aprende nas suas trocas no mundo afetivo e social, ao mesmo tempo que se torna o seu principal interlocutor na aquisição do conhecimento”.

Essa perspectiva teórica encontra eco na prática docente, que reconhece a ludicidade como uma ferramenta primordial para viabilizar essa construção, como aponta a Docente A:

Como professora da educação infantil, acredito que a ludicidade desempenha um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem, especialmente para as crianças autista. Para as crianças com autismo, a ludicidade proporciona um ambiente mais acolhedor, jogos e brincadeiras permitem que elas explorem o mundo do seu jeito, respeitando seu ritmo e suas características. A ludicidade ajuda demais na inclusão, pois promove interações entre crianças com e sem autismo, ajudando a construir relações de amizade e empatia. Através do jogo, é possível trabalhar habilidades sociais de forma natural e prazerosa. É importante lembrar que ao aprender brincando, as crianças não apenas absorvem conteúdos, mas também

desenvolvem sua criatividade e imaginação, habilidades que serão úteis ao longo de toda a vida. (Docente A)

A ludicidade é um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A ludicidade permite que as crianças explorem o mundo ao seu redor de uma forma que se adapta às suas necessidades e ritmos individuais. Para essas crianças muitas vezes é mais fácil se envolver em atividades lúdicas que utilizam os sentidos, como jogos táteis ou visuais, do que em abordagens tradicionais. Isso cria um ambiente seguro e confortável, onde elas podem expressar suas emoções, interagir com os colegas e desenvolver habilidades sociais. As brincadeiras estimulam a criatividade e a imaginação, que são essenciais para o desenvolvimento cognitivo. Através de jogos e brincadeiras, as crianças aprendem a resolver problemas, a trabalhar em equipe e a se comunicar, habilidades essas que são vitais para a inclusão social. Muitas vezes, o brincar pode servir como uma forma de comunicação para as crianças com TEA. (Docente B)

A ludicidade é vista como uma peça central no processo de ensino-aprendizagem, especialmente para crianças com TEA. A docente A enfatiza que o brincar permite explorar o mundo de maneira adaptada, enquanto o docente B destaca que as atividades lúdicas facilitam a comunicação e a expressão emocional das crianças. Ambas concordam que a ludicidade contribui para um ambiente seguro e estimulante, sendo de uma grande importância para o desenvolvimento integral das crianças, especialmente as autistas. Segundo Kishimoto (2007), brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois possibilita à criança a construção de conhecimentos, além de favorecer a socialização e a expressão de sentimentos.

Uma das experiências foi quando introduzimos jogos de construção com blocos. Em um dos momentos, uma criança autista que normalmente tinha dificuldade em interagir com os colegas começou a se envolver ativamente na construção de uma cidade imaginária. Através do jogo, ela começou a se comunicar mais, fazendo perguntas aos colegas sobre como poderiam usar diferentes peças. A utilização de músicas e danças também foi muito enriquecedora. Em uma atividade, criamos uma dança em grupo onde cada criança tinha um momento para liderar os movimentos. Isso não só trabalhou a coordenação motora, mas também promoveu a inclusão e a aceitação entre os alunos. (Docente A)

Introduzimos jogos com lego, onde ele podia criar suas próprias estruturas. Durante essas atividades, a criança começou a se sentir mais segura e, aos poucos, começou a interagir mais com os colegas, pedindo ajuda. O jogo proporcionou um ambiente seguro onde ele podia se expressar sem a pressão da fala. Outra atividade que funcionou muito bem foi a utilização de fantoches. Em um momento de contação de histórias, usei fantoches para representar os personagens. Isso não só prendeu a atenção das crianças, mas também incentivou uma criança autista a participar da história, o que foi uma grande conquista em questão de comunicação e expressão.

(Docente B)

As docentes compartilham experiências práticas que relatam como atividades lúdicas podem ajudar no desenvolvimento e aprendizado de crianças com TEA. A docente A cita o uso de jogos de construção, enquanto o docente B menciona a utilização de lego adaptados e teatro de fantoches. Ambos destacam a importância de observar e adaptar as atividades de acordo com as necessidades e interesses das crianças, enfatizando a flexibilidade na prática pedagógica.

A análise das entrevistas com as docentes A e B revela um compromisso com a inclusão de crianças com TEA, embasado na importância da formação adequada e experiências práticas. Ambas as docentes reconhecem a importância da ludicidade como uma ferramenta pedagógica importante, além de enfrentarem desafios comuns que exigem inovação, adaptação e colaboração. A inclusão é percebida não apenas como uma responsabilidade, mas como uma oportunidade de aprendizado mútuo que enriquece a experiência de todas as crianças na educação infantil, desse modo, as evidências coletadas reforçam a necessidade de um ambiente educacional que valorize a diversidade e promova a convivência harmoniosa. De acordo com Vygotsky (1991), a mediação lúdica contribui para o desenvolvimento das funções cognitivas e sociais de crianças com TEA, pois possibilita a construção de sentido e a interação com o outro.

O uso da ludicidade como meio metodológico para o desenvolvimento significativo das crianças autistas

A ludicidade, enquanto abordagem metodológica, tem se mostrado um recurso eficaz no desenvolvimento significativo de crianças autistas. Ao incorporar o brincar e as atividades lúdicas no processo de aprendizagem, cria-se um ambiente que favorece a interação, a

comunicação e a exploração sensorial de forma prazerosa e adaptada às necessidades individuais.

No contexto do autismo, a ludicidade permite que a criança se engaje ativamente, estimulando habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A utilização de jogos e brincadeiras estruturadas promove a construção de vínculos e a compreensão do mundo de maneira mais natural e integrada, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento integral dessa população. Segundo Kishimoto (2011), a ludicidade, quando utilizada como ferramenta pedagógica, favorece a construção de significados e o desenvolvimento integral das crianças, pois estimula a criatividade, a autonomia e as interações sociais, elementos fundamentais para a aprendizagem significativa. Sendo assim, é evidente que a ludicidade é importante para o desenvolvimento das crianças, assim como, uma metodologia primordial para a inclusão de crianças autistas.

A ludicidade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, especialmente para crianças autistas, pois permite que elas aprendam de forma mais natural e prazerosa. As atividades lúdicas favorecem a interação social, a comunicação e a expressão emocional, aspectos frequentemente desafiadores para essas crianças. Além disso, as brincadeiras são formas de linguagem e podem ser um meio eficaz para que elas compreendam o mundo ao seu redor, desenvolvendo suas habilidades cognitivas e sociais.
(Coordenadora C)

A ludicidade proporciona um ambiente de aprendizado mais acolhedor, as atividades lúdicas são essenciais, pois permitem que as crianças se expressem de maneira natural, explorando suas emoções e desenvolvendo suas habilidades sociais. O brincar favorece a atenção e a concentração, aspectos que podem ser desafiadores para essas crianças. Por meio da ludicidade, conseguimos engajar os alunos de forma mais efetiva, facilitando a assimilação de conceitos e o desenvolvimento de competências.
(Coordenadora D)

Nessas falas a coordenadora C relata experiências com massinha de modelar, que facilitou a comunicação e a expressão emocional das crianças, e a coordenadora D compartilha experiências com jogos de tabuleiro adaptados e uma oficina de arte, que incentivaram a interação social e a expressão criativa. As duas entrevistadas mencionam atividades que promovem a interação social e a comunicação entre as crianças. Isso evidencia

a eficácia das atividades lúdicas em criar um ambiente colaborativo e favorável ao desenvolvimento de habilidades sociais. Segundo Cunha (2022):

Se as atividades com o aluno autista visam à sua independência, trabalhar a comunicação e a linguagem expressiva e receptiva possibilita sua autoria nas ações, facilitando também, os processos de ensino-aprendizagem. Na educação, a comunicação propicia a socialização, fundamental para o aprendizado (Cunha, 2022, p.78 - 79).

Conforme as respostas das coordenadoras, a colocação de Cunha (2022), confirma a importância do envolvimento das crianças em atividades lúdicas, como jogos de tabuleiro, contação de histórias com fantoche, atividades físicas e motoras que desafiam a explorar movimentos, brincadeiras com massinha de modelar e até mesmo a pintura com tintas e lápis de colorir. Ademais, a ludicidade alinhada com os objetivos curriculares da educação infantil é um possível alicerce para a construção de uma aprendizagem inclusiva e significativa.

Costumo incentivar a utilização de uma variedade de atividades lúdicas, como jogos de tabuleiro adaptados e atividades de arte. Um exemplo específico que considero bem-sucedido foi em um ano onde criamos uma "estação de emoções", onde as crianças podiam explorar diferentes sentimentos através de jogos de expressão facial e interpretação de personagens. Essa atividade ajudou não apenas as crianças com TEA a identificar e nomear emoções, mas também as outras crianças a desenvolver empatia e compreensão. (Coordenadora C)

Em nossas reuniões tento trazer os jogos de construção, brincadeiras de imitação, atividades sensoriais como recursos pedagógicos e metodológicos. A "caça ao tesouro" adaptada, é onde as crianças seguem pistas visuais e auditivas para encontrar objetos na sala. Essa atividade não só estimula a atenção e a percepção, mas também promove o trabalho em equipe e a comunicação entre os alunos. (Coordenadora D)

A coordenadora C destaca em sua fala a também utilização de jogos de tabuleiro e atividade de arte como ludicidade para o ensino, a mesma também fala sobre uma dramatização com o nome “estação de emoções”, que seria uma peça infantil. Já a coordenadora D, menciona sobre o uso de jogos de construção, brincadeiras de imitação e atividades sensoriais como formas de desenvolver o lúdico com as crianças. Desse modo, a diversidade de atividades lúdicas mencionadas por ambas as coordenadoras demonstra uma abordagem variada, que tenta atender diferentes interesses e necessidades das crianças, e

especialmente das crianças autistas. Isso reflete uma prática pedagógica inclusiva e adaptativa.

A ludicidade é incorporada no currículo escolar através de atividades planejadas que mesclam brincadeiras e conteúdos curriculares. Por exemplo, ao ensinar conceitos matemáticos, usamos jogos de contagem com materiais manipulativos que tornam a aprendizagem mais concreta e acessível. Acredito que na nossa escola há sim um espaço considerável para a ludicidade, mas sei que sempre podemos buscar ampliá-lo. A metodologia de ensino que aplicamos valoriza o brincar como parte do aprendizado, mas é importante que haja flexibilidade e abertura para integrar novas abordagens e atividades lúdicas que possam atender melhor às necessidades das crianças autistas. Em relação às ações inclusivas, tentamos realizar adaptações, que incluem a simplificação de instruções, o uso de materiais visuais e manipulativos para facilitar a compreensão, também promovemos a escolha de atividades que considerem os interesses específicos das crianças, permitindo que elas se sintam mais motivadas e confortáveis ao participar. Em relação à estrutura, a escola está localizada em uma avenida, o que causa maior nível de ruído em certos períodos do dia. Sabemos que muitas crianças autistas têm sensibilidade auditiva, por isso realizamos as brincadeiras no pátio em horários que minimizem o impacto do barulho, para não incomodar a audição das crianças. (Coordenadora C)

Juntas buscamos planejar as aulas de forma que cada conteúdo curricular tenha uma abordagem lúdica, utilizando jogos e atividades práticas que possibilitem a exploração dos conceitos de maneira divertida e interativa. Também vejo que na nossa escola há espaço suficiente para a ludicidade na metodologia de ensino que aplicamos, mas é necessário um equilíbrio entre as atividades lúdicas e as mais estruturadas. As adaptações nas atividades lúdicas para atender às necessidades específicas de crianças com TEA incluem o uso de imagens e recursos visuais, a simplificação das regras dos jogos e a criação de ambientes sensoriais que ajudem a reduzir estímulos que possam causar desconforto. Além disso, é importante oferecer opções de escolha e permitir que as crianças participem de atividades em seu próprio ritmo. (Coordenadora D)

A coordenadora C destaca em sua fala a utilização de jogos de tabuleiro e atividade de arte como ludicidade para o ensino, a mesma também fala sobre uma dramatização com o nome “estação de emoções”, que seria uma peça infantil. Já a coordenadora D, menciona sobre o uso de jogos de construção, brincadeiras de imitação e atividades sensoriais como formas de desenvolver o lúdico com as crianças. Desse modo, a diversidade de atividades lúdicas mencionadas por ambas as coordenadoras demonstra uma abordagem variada, que tenta atender diferentes interesses e necessidades das crianças, e especialmente das crianças autistas. Isso reflete uma prática pedagógica inclusiva e adaptativa.

A ludicidade é incorporada no currículo escolar através de atividades planejadas que mesclam brincadeiras e conteúdos curriculares. Por exemplo, ao ensinar conceitos matemáticos, usamos jogos de contagem com materiais manipulativos que tornam a aprendizagem mais concreta e acessível. Acredito que na nossa escola há sim um espaço considerável para a ludicidade, mas sei que sempre podemos buscar ampliá-lo. A metodologia de ensino que aplicamos valoriza o brincar como parte do aprendizado, mas é importante que haja flexibilidade e abertura para integrar novas abordagens e atividades lúdicas que possam atender melhor às necessidades das crianças autistas. Em relação às ações inclusivas, tentamos realizar adaptações, que incluem a simplificação de instruções, o uso de materiais visuais e manipulativos para facilitar a compreensão, também promovemos a escolha de atividades que considerem os interesses específicos das crianças, permitindo que elas se sintam mais motivadas e confortáveis ao participar. Em relação à estrutura, a escola está localizada em uma avenida, o que causa maior nível de ruído em certos períodos do dia. Sabemos que muitas crianças autistas têm sensibilidade auditiva, por isso realizamos as brincadeiras no pátio em horários que minimizem o impacto do barulho, para não incomodar a audição das crianças. (Coordenadora C)

A ludicidade é incorporada ao currículo escolar para crianças autistas através da inclusão de atividades que favoreçam o aprendizado por meio do brincar. Planejamos as aulas de forma que cada conteúdo curricular tenha uma abordagem lúdica, utilizando jogos, dramatizações e atividades práticas que possibilitem a exploração dos conceitos de maneira divertida e interativa. Acredito que há espaço suficiente para a ludicidade na metodologia de ensino que aplicamos, mas é necessário um equilíbrio entre

as atividades lúdicas e as mais estruturadas. A chave é encontrar formas de integrar o brincar com os objetivos pedagógicos, garantindo que as crianças se sintam motivadas a aprender enquanto se divertem. As adaptações nas atividades lúdicas para atender às necessidades específicas de crianças com TEA incluem o uso de imagens e recursos visuais, a simplificação das regras dos jogos e a criação de ambientes sensoriais que ajudem a reduzir estímulos que possam causar desconforto. Além disso, é importante oferecer opções de escolha e permitir que as crianças participem de atividades em seu próprio ritmo. (Coordenadora D)

A Coordenadora C destaca a combinação de brincadeiras e conteúdos curriculares, com uso de materiais manipulativos, ela também fala sobre simplificação de instruções, uso de materiais visuais e ambientes estruturados. Assim como, a coordenadora D enfatiza o planejamento de aulas que integram atividades lúdicas a todos os conteúdos curriculares, também menciona a falta de formação, a resistência a métodos não tradicionais e pressão por resultados.

Além disso, as duas coordenadoras defendem a integração da ludicidade no currículo, indicando que essa prática carrega significado e importância para o engajamento e a motivação das crianças. As adaptações são vistas como fundamentais para atender às necessidades específicas das crianças com TEA, refletindo uma prática pedagógica que busca personalizar o ensino para cada criança. Ambas reconhecem barreiras semelhantes, sugerindo que a formação contínua e a flexibilização curricular são essenciais para a implementação eficaz de práticas lúdicas, refletindo a necessidade de um investimento em formação que considere as especificidades do ensino para crianças com TEA, e promovendo a troca de conhecimentos e experiências entre profissionais da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, esse estudo teve como objetivo compreender a importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Logo, a partir da análise teórica e empírica, foi possível confirmar que o uso de práticas lúdicas contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças autistas, favorecendo sua inclusão de forma mais eficaz e humanizada, assim como, autores como Vygotsky (1998) já destacavam que o brincar impulsiona o desenvolvimento infantil, pois permite que a criança atue além do seu comportamento habitual, construindo novas aprendizagens. Essa perspectiva foi confirmada pelas falas das docentes e coordenadoras entrevistadas, que relataram melhorias na

comunicação, socialização e autonomia das crianças autistas quando envolvidas em atividades lúdicas. Isso foi evidenciado em resultados práticos, como no uso de jogos de construção e fantoches, que, segundo as docentes, permitiram que crianças com TEA se comunicassem e interagissem mais com os colegas.

Além disso, conforme aponta Kishimoto (2011), o brinquedo é um instrumento importante na construção do conhecimento, pois envolve o corpo, a afetividade e a interação social, elementos fundamentais para o desenvolvimento das crianças com TEA. Desse modo, as experiências compartilhadas evidenciam que, quando respeitado o tempo e as características das crianças, o brincar torna-se uma linguagem potente de expressão e aprendizagem. Portanto, as análises revelaram que o brincar, quando planejado de forma intencional e sensível às especificidades de cada criança, favorece a inclusão, amplia as possibilidades de comunicação e fortalece vínculos sociais, destacando que a ludicidade contribui significativamente para o engajamento das crianças no processo de aprendizagem, possibilitando que se sintam mais acolhidos e motivados. Nesse contexto, observou-se que os professores utilizam estratégias lúdicas, o que evidencia avanços no processo de inclusão. No entanto, a pesquisa também apontou desafios a serem enfrentados, entre eles, destaca-se a lacuna relacionada ao acompanhamento formal por parte das Coordenadoras, especialmente no que diz respeito ao Plano Educacional Individualizado (PEI). Durante as entrevistas, foi frequente que aspectos do PEI fossem esquecidos ou pouco mencionados, indicando a necessidade de maior atenção e capacitação para garantir um acompanhamento sistemático e estruturado do desenvolvimento de cada criança. Portanto, embora haja iniciativas de inclusão e o uso da ludicidade como recurso pedagógico, ainda existem fragilidades na articulação entre planejamento e monitoramento individualizado, reforçando a importância de ações contínuas de formação docente e de políticas institucionais que assegurem o acompanhamento do PEI, de modo a potencializar os benefícios das práticas lúdicas e assim promover uma educação inclusiva.

Contudo, também foram identificados desafios enfrentados pelos educadores, como a falta de formação específica, carência de recursos e apoio institucional insuficiente, essas barreiras evidenciam a necessidade de investimentos em formação continuada, políticas públicas efetivas de inclusão e ambientes escolares que respeitem a diversidade e valorizem práticas pedagógicas inovadoras, reafirmando o que Mantoan (2003) já advertia, a inclusão verdadeira exige a transformação das práticas pedagógicas e das estruturas escolares tradicionais. Desse modo, esse trabalho reforça-se que a ludicidade deve estar integrada ao planejamento curricular de maneira estruturada, respeitando o ritmo, os interesses e as necessidades das crianças com TEA, pois para que a inclusão ocorra de forma real e

significativa, é imprescindível o comprometimento de toda a comunidade escolar e a construção de práticas pedagógicas sensíveis, flexíveis e humanizadas. Portanto, espera-se que esse trabalho contribua para o fortalecimento da discussão sobre a educação inclusiva e incentive educadores a refletirem sobre a importância do brincar como direito de toda criança e como recurso pedagógico para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças autistas, assim respeitando e valorizando a diversidade na infância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daiane Silva. **Autismo e inclusão escolar: reflexões sobre o brincar na educação infantil**. Ufpe.br, 12 jan. 2023.

A Contribuição Da Ludicidade Na Educação Infantil. **Periódicos CAPES**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 13 ago. 2025.

A Ludicidade Como Estratégia Pedagógica. **Periódicos CAPES**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 13 ago. 2025

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

CENSO 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. **Agência de Notícias IBGE**, 23 maio 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 23 jul. 2025.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 9. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GT04 – Didática. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd**. Disponível em: <https://anped.org.br/gt/gt04-didatica/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd**. Disponível em: <https://anped.org.br/gt/gt07-educacao-de-criancas-de-0-a-6-anos/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 19-32.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

PEREIRA, Lúcia Helena Pena. **Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2005.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **A relação entre gestão escolar e educação inclusiva: o que dizem os documentos oficiais**. Revista on-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, n. 6, p. 1-21, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARIA ESTER FERREIRA DA SILVA

**A MAGIA DA LUDICIDADE E AS EXPERIÊNCIAS DO BRINCAR NO
PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM O TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco
– UFPE, na modalidade Artigo como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado(a) em: 19/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles
Orientadora -Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE

Prof^ª. Jessica Villiana da Silva
Examinador (a) externo (a) - Doutoranda PPGEDUC/UFPE

Prof^ª. Vanessa Galindo Alves de Melo
Examinador (a) externo (a) - Doutoranda PPGEDUC/UFPE